

NAGUIB MAHFOUZ

ENTRE OS DOIS PALÁCIOS

(TRILOGIA DO CAIRO, VOL. I)

TRADUZIDO DO ÁRABE (EGIPTO) POR
BADR HASSANEIN

COM A COLABORAÇÃO DE
MARGARIDA ABRANTES



3

Cedo na placidez do dealbar do dia, estando ainda as setas da luz cravadas na cauda da madrugada, foi crescendo o estrépito do amassadouro do pão que provinha do quarto do forno situado no pátio. As pancadas ininterruptas lembravam o rufar de um tambor. Cerca de meia hora antes, Amina deixara a cama. Fizera as suas abluções, orara e descera para a sala do forno onde acordara Umm Hanafi, uma mulher que orçava os quarenta e desde criança trabalhava na casa, tendo-a somente deixado para se casar e regressado assim que fora repudiada. Enquanto a criada amassava o pão, Amina, atarefada, tratava do pequeno-almoço. Do lado direito da extremidade do amplo pátio da casa, encontrava-se um poço que fora vedado com uma tábua assim que as crianças haviam dado os primeiros passos e posteriormente provido da canalização necessária ao abastecimento de água. Do lado esquerdo, perto da entrada reservada ao harém, havia duas grandes divisões. Numa fora edificado o forno, e, por conseguinte, viera a cumular as funções de cozinha. A outra fora preparada de modo a servir de despensa. A sala do forno, conquanto isolada, detinha, no coração de Amina, um valor considerável, pois se o tempo que passara entre as suas paredes fosse calculado obter-se-ia uma existência inteira, que se desenrolara naquele aposento embelezado com o rejubilo das festividades, que sucessivamente se repetiam, quando os corações se abriam às alegrias da vida e a água crescia nas bocas diante da variedade de deliciosas iguarias, preparadas de propósito, como: o *khusbaf*⁽¹⁾ e a

(¹) Água açucarada na qual se põem a macerar vários tipos de frutas da estação e frutas secas.

ataief⁽¹⁾ do mês do Ramadão, as pequenas roscas e as fogaças da festa do fim do jejum ou o cordeiro da festa do Sacrifício⁽²⁾, cevado e afagado, antes de ser degolado sob o olhar das crianças que jamais lhe negavam uma lágrima de despedida sobre um fundo de contentamento geral. Ali surgia, arqueado, o olho do forno, nas profundezas do qual um fogo ardia, qual tição da alegria alumiada nos espíritos de cada um, como se fosse o adorno da festa, a fausta promessa da sua chegada. Se Amina sentia que, no andar superior, era a mera sombra do chefe e representava um poder de que, na verdade, não possuía a mínima parcela, neste local, ao invés, era a soberana absoluta, e sob as suas ordens o forno morria e renascia; a sorte do combustível, composto por carvão e lenha amontoados no canto direito, dependia de uma só palavra sua; e, com um único gesto seu, o fogareiro de barro, que ocupava o canto oposto, sob as prateleiras das panelas, dos pratos e do tabuleiro de cobre, adormecia ou crepitava. Aí era a mãe, a esposa, a professora, a artista e, todos, com total confiança, aguardavam pelas dádivas das suas mãos. Testemunho disto eram os escassos louvores que recebia do seu *sayyed* – quando a isto se dignava –, e que sempre se referiam a alguma receita admiravelmente elaborada e cozinhada. Neste reino em miniatura, Umm Hanafi era o seu braço direito, quer assumisse a direcção dos trabalhos, quer delegasse o seu lugar a uma das filhas para, sob a sua vigilância, se exercitar na sua arte. Tratava-se de uma mulher corpulenta cujo corpo, a que faltavam harmonia e pormenores, crescera de forma exuberante, tão-somente preocupado com a gordura e descurando as considerações de ordem estética. Porém, ficara amplamente satisfeita, porque no seu interior a gordura representava o sumo da beleza. Donde, não surpreendia que todo o seu serviço doméstico fosse praticamente secundário quando comparado com o seu principal dever, o de engordar a família, em particular as mulheres, com as «gulodices» milagrosas que lhes confeioava, verdadeiro talismã da formosura e segredo seu mui resguardado. Embora o efeito destas «gulodices» nem sempre se revelasse eficiente, dera provas da sua excelência por mais de uma ocasião, e mereciam, por

(¹) Massa folhada, imersa primeiro em leite e depois cozida em manteiga; consome-se acompanhada com mel.

(²) Festa celebrada no fim da peregrinação a Meca.

consequente, as expectativas e as aspirações nelas depositadas. Não era de admirar, depois disto, que também Umm Hanafi engordasse. Mas a sua rotundidade em nada abrandava a sua actividade. Mal a sua senhora a estremunhava, logo com ânimo se levantava para ir trabalhar, correndo para o ruidoso amassadouro que desempenhava, naquela casa, as funções de despertador.

O som atingiu, de início, os filhos no primeiro piso, e logo o pai, no piso superior, alertando-os para a necessidade de se levantarem. O senhor Ahmad Abdel Gawwad agitou-se de um lado para o outro, abriu os olhos e, irado com o alvoroço que lhe viera perturbar o sono, despediu um olhar carrancudo. Porém, ciente de que devia acordar, abafou a sua cólera. Sentia a cabeça pesada, o que aliás era de um modo geral a sua primeira sensação assim que acordava. Resistiu-lhe, com determinação, sentando-se na cama, embora nele se insinuasse outro desejo mais poderoso que lhe sugeria entranhar-se novamente no sono. Porém, o bulício das suas noites não lhe fazia descurar as obrigações diurnas. Assim, arrancava-se cedo ao seu torpor, por mais tarde que na noite anterior se houvesse deitado, para chegar à sua loja antes das oito. A sesta proporcionava-lhe o tempo necessário para recobrar o sono desbaratado e as forças para um novo serão. Por isso, o despertar era a pior hora de todo o seu dia. Ao sair da cama, cambaleava cansado, estonteado e às vertigens, e enfrentava uma existência despojada das evocações doces e das sensações agradáveis, como se estas se houvessem transmutado em marteladas na sua cabeça e nas suas pálpebras. As pancadas do amassadouro sucediam-se, pairando sobre as cabeças dos que dormiam no primeiro piso. Fahmi abriu os olhos, tinha um despertar fácil apesar de passar as noites mergulhado nos livros de Direito. Logo que acordava, a primeira sensação que lhe acudia era a imagem de um rosto redondo, cor de marfim, com dois olhos negros, e a sua alma segredava: «Mariam». Se cedesse ao poder deste sortilégio, ter-se-ia quedado debaixo do cobertor por longos momentos, entregue à quimera que o visitava e o acalentava com as mais doces palavras de amor. Aproximar-se-ia então com a força da paixão, falar-lhe-ia, descobrindo segredos ilimitados, acercar-se-ia dela com o ímpeto arrogado que nos subjuga tão-só na morna indolência do alvorecer! Mas, como sempre, adiou as suas confidências para a manhã de sexta-feira. Sentou-se na cama e fitou o irmão que dormia na cama ao lado e gritou:

— Yassin! Yassin! Acorda!

O jovem cessou de rressonar, bufou toda a sua exasperação e rabujou:

— Já estou acordado. Aliás, acordei antes de ti!

Sorridente, Fahmi esperou que o outro retomasse os seus rroncos e então bradou:

— Acorda!

Na cama, Yassin, irritado, voltou-se de um lado para o outro, arrasando o cobertor que revelou parte do seu corpo, enorme e barrigudo, como o seu pai. Descerrou dois olhos avermelhados, que, com um olhar distante e um cenho carregado, exprimiam as suas censuras.

«Ora!... Como pôde a manhã nascer tão depressa! Porque não podemos dormir à farta... A disciplina... Sempre a disciplina... como se fôssemos soldados». Levantou-se arqueando-se sobre as mãos e os joelhos, e sacudiu a cabeça para desta apartar a modorra. Relanceou a terceira cama, onde se achava Kamal engolfado num sono profundo que ninguém perturbaria antes de meia hora, e invejou-o: «Que felizardo!»

Um pouco mais desperto, Yassin sentou-se na cama, as pernas cruzadas, a cabeça apoiada nas mãos. Quis acariciar os pensamentos deleitosos que tornavam os devaneios matutinos mais aprazíveis. Mas, à semelhança do pai, acordava invariavelmente com a cabeça de tal modo pesada, que os sonhos se lhe enregelavam. A imagem de Zannouba perpassou a sua mente, sem que a tocadora de alaúde exacerbasse os seus sentidos, como soía acontecer quando estava plenamente consciente. Perante isso, desenhou-se-lhe um sorriso nos lábios.

No quarto ao lado, Khadiga deixara já a cama sem precisão do despertador do amassadouro. Em toda a família, era quem mais se parecia com a sua mãe na energia e na prontidão do despertar. Quanto a Aisha, acordava geralmente com o estremecimento da cama provocado pela irmã ao erguer-se e saltar para o chão, com uma impetuosidade intencional que provocava discussões e reclamações cuja repetição transmutara numa espécie de recreação mal-humorada. Tendo, por fim, alcançado a orla da consciência e suspensas as suas recriminações, Aisha não se levantou de imediato, detendo-se, antes de abandonar a cama, numa longa e amena quimera.

Assim, a vida que renascia lentamente se esprou por todo o primeiro andar. Abriam-se as janelas, jorrou uma luz abundante e

penetrou uma aragem pejada com o ranger das rodas dos *suwares*⁽¹⁾, as vozes dos operários e as exortações do vendedor de *belilah*⁽²⁾.

Enquanto prosseguia o vaivém entre os dois quartos de dormir e a casa de banho, surgiu Yassin, envergando uma camisa de dormir larga que lhe envolvia o corpo volumoso, seguido pelo enorme Fahmi, que, tirando a magreza, era uma cópia perfeita do pai. Ambas as raparigas desceram para o pátio para se reunirem com a mãe na sala do forno. Entre elas havia uma diferença pouco frequente no seio de uma mesma família: ao passo que Khadiga tinha um tom de pele escuro e traços desconformes, Aisha era loira e irradiava um halo de beleza e frescura.

Não obstante o senhor Ahmad Abdel Gawwad se encontrar sozinho no piso superior, Amina precaverá-se para que nada lhe faltasse e pusera sobre a mesa uma tigela cheia de alforba para refrescar o hálito. Quando aquele se dirigiu para a casa de banho, os eflúvios do incenso adejaram até às suas narinas. Aí encontrou em cima da cadeira roupas limpas, dobradas com cuidado. Tomou um duche de água fria como era seu hábito, cujo ritual jamais alterava, quer de Verão, quer de Inverno, e regressou ao quarto, revigorado. Agarrou no tapete das orações, dobrado sobre o encosto do divã, estendeu-o no chão para fazer a oração da manhã. Rezou com um rosto submisso, bem distinto daquele prazenteiro e radiante com que obsequiava os amigos, ou daqueloutro despótico e intransigente que reservava à família. Era um semblante humilde, cujos traços, apaziguados e suavizados pela devoção, pelo amor e pela súplica, exalavam piedade, adoração e esperança. A sua oração não era uma maquinal concatenação de gestos: recitação, estação e prostração. Toda ela era, ao invés, amor, fervor e efusão. Cumpria-a com uma veemência análoga a que insuflava no acto de tragar a vida sob todas as suas facetas, desde o trabalho ao qual se entregava por inteiro, passando pela amizade que com ele resvalava para o excesso, até ao amor que o derretia literalmente à bebida, à qual jubiloso se rendia até à ebriedade. Diligente e leal em todas as

(¹) O termo *suwares* é a deformação egípcia do nome do alemão Schwartz que tinha fundado no Cairo a companhia de transportes homónima. Os *suwares* eram, por assim dizer, os antepassados do eléctrico no Egipto. As carruagens eram puxadas por mulas e a linha ia do velho Cairo até à Cidadela.

(²) Doce feito de grão de trigo fervido ao qual se acrescenta manteiga e mel.

situações. Assim, a oração para ele era um pretexto espiritual para discernir a grandeza divina, pelo que, quando terminava, se sentava com as pernas cruzadas, virava as palmas das mãos para o céu e pedia a Alá que velasse por ele, que lhe concedesse o Seu Perdão e benzesse a sua prole e o seu negócio.

Tendo concluído a preparação do pequeno-almoço, a mãe encarregou as duas raparigas da preparação do tabuleiro. Subiu ao quarto dos irmãos, encontrando Kamal ainda adormecido. Abeirou-se deste com um sorriso e pousou a palma da mão sobre a testa da criança recitando a surata de Al-Fatiha. Depois, chamou-o, abanando-o levemente até que descerrasse os olhos e não mais o largou até ter deixado a cama. Neste ínterim, Fahmi entrou no quarto e, vendo a mãe, sorriu-lhe e desejou-lhe bom-dia. Ao seu cumprimento, ela respondeu com os olhos chamejantes de amor:

— Que tenhas uma manhã cheia de luz, ó luz dos meus olhos!

Com a mesma brandura, disse bom-dia a Yassin, o «filho» do seu marido, que lhe respondeu com todo o afecto que merecia uma mulher que preenchia, no seu coração, o lugar de uma mãe digna deste nome. Quando Khadiga voltava da sala do forno, foi recebida por Fahmi e Yassin, sobretudo por Yassin, com os motejos com que habitualmente a submergiam. De facto, era alvo de troça por causa da sua fisionomia disforme e da sua língua afiada, isso apesar da influência que tinha sobre ambos os irmãos, fruto da mestria que demonstrava ao lidar com os assuntos destes, habilidade esta que Aisha raramente podia reivindicar para si, pois que aparecia no seio da família como um símbolo belo, fulgurante, encantador e sem serventia. Yassin abordou-a dizendo:

— Estávamos a falar de ti, Khadiga, e comentávamos que, se todas as mulheres fossem como tu, os homens ficariam livres dos tormentos do coração.

Num repente, esta replicou:

— E se todos os homens fossem como tu, ficariam livres dos tormentos da mente.

Mas a voz de Amina ecoou:

— Meus senhores, o pequeno-almoço está pronto!

4

A sala de jantar era no piso superior onde ficava o quarto dos pais. Além destas duas divisões, havia ainda uma sala de estar e mais quatro divisões que apenas albergavam alguns brinquedos com que, nos seus tempos livres, Kamal se entretinha. Tinham estendido a toalha e disposto as almofadas à volta. O pai veio sentar-se no lugar do chefe de família, seguido, um após outro, pelos três irmãos: Yassin, que se instalou à sua direita, Fahmi à sua esquerda e Kamal à sua frente. Os três sentaram-se de forma educada e obediente, cabisbaixos como se participassem numa oração em comum que punha ao mesmo nível o escriturário da escola de en-Nahhasin, o estudante de Direito e o aluno da escola de Khalil Agha. Nenhum deles tinha a ousadia de pousar os olhos no rosto do pai. Mais do que isto, evitavam, na presença deste, trocar olhares, receando que algum deles, por uma ou outra razão, fosse dominado por um sorriso que o exporia a uma repreensão terrível e inexorável. O encontro do pequeno-almoço era o único momento que os reunia ao pai visto que, quando tornavam à casa no final da tarde, este já se ausentara, para ir para a loja, após o almoço e a sesta, somente regressando à meia-noite. Este encontro matinal, se bem que de curta duração, representava, todavia, para eles um autêntico calvário dada a disciplina militar que deviam observar, para não mencionar o pavor que deles se apoderava e que lhes desgastava os nervos, predispondo-os para toda uma série de lapsos que obsessivamente tentavam evitar, o que fatalmente os tornava incontornáveis. Além do mais, o pequeno-almoço em si decorria num ambiente propício a comprometer todo o seu prazer. Não raro,

o pai ocupava o curto espaço de tempo que antecedia a chegada da mãe com o tabuleiro examinando, por exemplo, os seus filhos com um olhar crítico e, caso detectasse uma imperfeição na indumentária de algum, por mais ínfima que fosse, como uma nódoa na roupa, caía-lhe em cima com uma enxurrada de reprimendas e de advertências. Acontecia-lhe perguntar a Kamal, com brusquidão: «Lavaste as mãos?» Se o garoto respondia afirmativamente, ordenava-lhe: «Mostra-as!» O miúdo apresentava então as palmas abertas, engolindo a saliva, hirto de terror, e, em vez de encorajá-lo ao asseio, o pai acrescentava em jeito de ameaça: «Se alguma vez te esqueceres, nem que seja uma única vez, de lavar as mãos antes da refeição, corto-tas! Assim ficarás livre delas para sempre!» Do mesmo modo, podia dirigir-se a Fahmi e perguntar-lhe: «O filho de um cão tem estudado as suas lições?» Intuitivamente, Fahmi sabia a quem o pai se referia, porque «filho de um cão» para este queria significar Kamal. Fahmi respondia que o visado tinha aprendido correctamente as suas lições. Na verdade, as manhas do rapazinho, que tinham o condão de exasperar o pai, não o impediam de se revelar sério e empenhado. Disso eram testemunhos o seu êxito e a sua superioridade. Mas o pai exigia dos seus filhos uma obediência cega, coisa insustentável para um garoto que antes preferia brincar a ter de comer. Por isso tinha por hábito comentar, num tom iracundo, a resposta de Fahmi: «A decência é preferível à ciência.» Depois, voltando-se para Kamal, prosseguia, acerbo: «Estás a ouvir, filho de um cão?»

A mãe chegou entretanto, carregando o enorme tabuleiro da comida, que colocou sobre a toalha, após o que recuou alguns passos até à parede, perto de uma mesa sobre a qual estava um jarro de barro cheio de água. Aí se deteve, pronta para responder a qualquer solicitação. No centro do tabuleiro de cobre resplandecente havia uma grande travessa oval cheia de favas fervidas confeccionadas com manteiga e ovos; num dos cantos encontrava-se uma pilha de pães quentes e, no outro, uma fila de pequenos pratos que continham limões e pimentos macerados em vinagre, queijo, piripiri, sal e pimenta-preta, o que despertou o estômago dos irmãos. Contudo mostraram-se indiferentes, fingindo ignorar este espectáculo maravilhoso que lhes caía do céu, como se não os aguilhoasse a menor emoção. O pai estendeu a mão para um pão, agarrou-o e partiu-o, resmungando: «Comam!»

Então, as mãos avançaram para os pães por ordem de idades, sendo Yassin o primeiro, seguido por Fahmi e por fim Kamal, e os três começaram a comer, embora mantendo a compostura e o recato. Ainda que o pai devorasse a comida de forma precipitada, como se as suas mandíbulas fossem lâminas de uma máquina cortante, lançada numa corrida desenfreada e ininterrupta, e aglutinasse num único e enorme naco de pão todas as variedades de alimentos – favas, ovos, queijo, limões e pimentos macerados em vinagre – moendo-os feroz e avidamente, enquanto os seus dedos preparavam o próximo pedaço, os filhos comiam impassíveis, sem pressa, apesar de toda a resignação que esta moderação impunha às suas naturezas arrebatadas. Cada qual tinha plena consciência da observação áspera ou do olhar severo que o aguardava caso afrouxasse a sua atitude, e, assim, revelasse um instante de incúria, esquecendo as conveniências e perdendo as noções de cordura e de disciplina pelas quais se devia pautar. Entre eles, o mais exasperado com a situação era Kamal, pois mais do que qualquer um dos outros temia o seu pai e, se algum dos irmãos podia rezear, no pior dos casos, um gesto de mau humor ou uma repreensão, ele, na melhor das hipóteses, podia contar com um pontapé ou um murro. Com esta certeza, comia desconfiado e incomodado, vigiando, de quando em vez, num relance furtivo, o resto da comida que diminuía rapidamente. À medida que esta sumia, aumentava a sua preocupação. Esperava, ansioso, que o pai desse mostras de saciedade e, destarte, que o deixasse livre para enfartar o estômago. Mas não obstante a velocidade de ingestão daquele, a espessura de cada fornada saturada de todos os tipos de alimentos, dizia-lhe a experiência que o perigo maior, que pairava sobre a comida e sobre a sua pessoa, provinha dos seus irmãos. Com efeito, se o pai, depressa saciado, terminava a refeição, os dois irmãos, somente após aquele ter abandonado a mesa, iniciavam a verdadeira batalha e só se retiravam depois de terem limpo as travessas de toda e qualquer migalha comestível. Assim sendo, logo que o pai se levantou e saiu da sala, Kamal atirou-se às travessas como um louco, tirando o melhor proveito de ambas as mãos: uma para a grande travessa central, outra para as tigelas. Todavia, o seu zelo era muito pouco compensador. Perante a recrudescência da actividade dos dois irmãos, só lhe restava, como sempre que via a sua integridade ameaçada, em situações análogas, recorrer à astúcia: espirrar de